

A ILLUSTRACÃO

LUSO-BRAZILEIRA.



LISBOA: — Anno 3,500 rs. — Semestre 1,520 rs. —
Trimestre 1,500 rs. — Numero avulso 120 rs.

VOL. I. — NUM 50. — SABBADO, 13 DE DEZEMBRO DE 1856.

PROVINCIAS — FRANCO — Anno 4,500 — Semestre 2,5100 rs.
Ultramar e estrangeiro (moeda forte) 5,5000.

SUMMARIO.

Manuscriptos ineditos (continuação) — Convento de Nossa Senhora da Penha de França — Baixos-relevos — Só Deus! poesia — Mosaicos — Estatística da embriaguez — Aphorismos — Havre de Grace — Castello de Ganne — Mythologia — O Castigo do Senhor (continuação) — James Buchanan — Abd-el-Kader — Lenda dinamarqueza — Entrada dos duques de Brabante em Spá — Chronica Semanal.

GRAVURAS — Convento de Nossa Senhora da Penha de França — Castello de Ganne — Havre de Grace — James Buchanan — Entrada dos duques de Brabante em Spá.

MANUSCRIPTOS INEDITOS.

Sumario das armadas q. se fizeram e guerras q. se deram na conquista do Rio parahiba escrito e feito por mandado do m.^{to} R. padre em Xpō o p.^o Xpt.^o de Gouvea visitador da Companhia de Jesu de toda a provincia do Brasil.

Continuação.

Todo o pao do brazil cortãdose arreventa e crece devagar q. pello menos ha mister maes de vinte ãnos e ainda não he grosso. Dizem q. o pao desta capitania do parahiba he a mercaderia maes de ley q. todas as outras por nã padecer corrupçã de tempo nem de agoa antes á do mar ó afina, na boca he doce quasi como alcaçuus por respeito deste pao tartaram e procuraram tanto os francezes permanecer nella. o dito parece q. basta por ora quãto a esta capt.^a do parahiba e do estado em q. ella e a de pernambuco e Tamaraca estavã, cõ o que me pasarey a tratar das armadas que pera á conquistar se fizerã e guerras que nella ouve. (*)

Da ida do D.^{or} fernam da Sylva a Parahiba e do governador Luis debrito dalmeyda. CAP.^o 2.^o

ElRey Dom Sebastiam q. D.^o tem informado de todas estas cousas e receoso de os francezes se situarem e se fortificarem no rio parahiba mandou ao governador Luis debrito dalmeyda o fosse ver e elegese sitio p.^a povoacã E por elle nom poder hir indo ó

(*) Este manuscripto data do reinado de Filippo de Castella, por fins do seculo xvi. E de um jesuita, que presencou muitos dos seus acontecimentos. E geralmente reconhecido pelo nome de Christovão de Gouveia; porém a melhor opinião é ser de autor incerto. Foi escripto indubitavelmente em virtude do preceito de obediencia, e por mandado do sobredito padre Christovão de Gouveia quando era visitador da companhia de Jesus, na provincia do Brazil. Respeitamos e conservamos a orthographia do original. por conhecermos que com pouco esforço do leitor será facilmente comprehendida.

D.^{or} fernam da Sylva ouvidor geral e provedor moor da fazenda deste estado á Pernambuco lho cometeo. O qual com todo ó poder de gente de pee e de cavallo da dita capitania e m.^{tos} Indios q. ainda entam avia foy no ãno de setenta e quatro avello e castigar os Indios petiguares, que naq.^{tos} dias áviam assolado hum engenho, que hum Dioguo dias Lavrador muito rico começava com grande fabrica no Rio Rucunhaem tres legoas do paraiba. E como hia tam poderoso correos e nam lhe ousarã a esperar, mas refazendo-se o fizeram voltar polla praia tam depressa q. nã ouve vagar pera nada.

O q.^o acabados os negocios á q. foy a pernãbucho se tornou p.^a á baía donde informado o governador Luis debrito dalmeyda do q. passava e da importancia do negocio, conformando-se com a ordem q. timha delrei se resolveo e determinou dehir em pessoa conquistar e povoar ó parahiba p.^a o q.^o effeito na cidade de Bahia mandou apreber hua armada de doze vellas con toda agente q. pode ajuntar, levando toda á nobreza da Cidade, officiaes de Just.^a e faz.^{da} com todos os petrechos e mãtim.^{tos} necessarios, enfim com ó moor aparato de capitães e soldados e recado das maes cousas que lhe a elle foy posivel ajuntar.

Partio no mes de setembro de mil quinhentos setenta e cinco e com tempos contrairos á cabo de alguns dias andar espancando ó mar, tornou árribar á baía com alguns navios e Bernardo pimintel dalmeida seu sobrinho q. ia por capitam moor do mar com outro navio seguio

ávant e fez viagem. E foy a pernambuco, donde pello tio nam hir se tornou á baía onde ó achou enfadado e cansado da arribada e todos os homens con suas matalotagens gastadas. E gastado muito cabedal q. da fazenda delrei nosso Sñor se meteo na armada q. se affirma q. foy de m.^{tos} mil cruzados, desfeita em ar, sem maes lembrança do parahiba q. nam causou pouca admiracã por o geral conhecimento q. entoda a parte se tinha da importancia desta empreza e maes pello fruto q. della se esperava como dos outros, e m.^{tos} bens q. povoada se logo seguia ha de pernambuco e Tamaraca.

Depois vindo ó governador L.^o daveiga no ãno de setenta e oito e querendo proseguir esta Empresa mandando ao ouvidor Geral Cosmo rangel de maçedo e xpovã de Barros provedor moor lha encomendou. E porq. no tempo q. nelle esteve ouve muytos rebates de petiguares de todo fizerã recolher os m.^{res} a Ilha de Tamaraca, ávisando sempre e procurãdo fazer jornada, mas nã ouve effeito e parece q. nosso Sñ.^{or} a tinha guardada p.^a o tempo em o q.^o avia de aver quem a procurasse de toda a força e coraçã e se conluise e se escusase o m.^{to} cabedal, e excessivos gastos q. os officiaes da faz.^{da} de sua M. nesta empreza sempre fizeram e davam en despeza e seguirã p.^a ostentaçã e seus intentos maes pera ella alcançar e conseguir eff.^{to} E com isto passemos ao tempo delrei D. Henriq.

Continua.

CONVENTO DE NOSSA SENHORA DA PENHA DE FRANÇA.

N'um dos mais pittorescos sitios de Lisboa, o antigo monte *Cabeça d'Alperche* em que a cidade está assentada, se eleva este templo, que pertenceu á extincta ordem dos eremitas de Santo Agostinho.

O culto da imagem de que o convento tomou a invocação veiu de Hespanha, onde na serra que corre nos confins dos bispados de Salamanca, Cidade Rodrigo, e Coria, denominada *Penha de França*, se descobriu uma imagem em vulto, que pelos milagres que operou, se estendeu por Hespanha e Portugal.

Nos annos proximos ao fim do seculo de 1500 vivia em Lisboa um tal Antonio Simões, doirador, que mandou fazer uma imagem da Virgem, de altura de quatro palmos, com o menino Jesus sentado sobre o braço esquerdo. Feita esta, lembrou-se o devoto de a collocar na igreja de Nossa Senhora da Victoria, d'onde era visinho, e deu-lhe a invocação de Senhora da Penha de



Convento de Nossa Senhora da Penha de França.

França, pelo que ouvia apregoar dos milagres da de Hespanha. Todos os annos correu com uma festa, até que passados tempos, desejando-lhe casa propria, lançou vistas para o monte que correndo do de Nossa Senhora da Graça vinha a ficar eminente ao chafariz que se chamava de Arroyos. Escolhido o sitio foi-se ter com Affonso de Torres e Magalhães, casado com D. Constança d'Aguiar, de quem era o terreno que desejava para a edificação da ermida, e que elles facilmente lhe concederam, assentando unicamente por condição que se a ermida para o diante viesse a ser d'alguma religião, poderiam tomar para si a capella mór, satisfazendo a despeza que com ella se tivesse feito.

Ajustado assim, no anno de 1597, a 25 de março, se lançaram os fundamentos á ermida, e em 10 de maio do anno seguinte se trasladou para ali a Senhora, n'uma devota procissão. Houve a peste do anno de 1599, e reconhecendo-se os milagres que a Senhora operava, em janeiro do mesmo anno recorreu a camara á sua intercessão, obrigando-se por voto a fazer-lhe a sua capella na igreja nova, e a uma procissão annual que sairia pela manhã mui cedo da igreja de Santo Antonio, cuja imagem levariam, acompanhando-a o presidente do senado com os vereadores, e mais officiaes, e os cidadãos que quizessem, indo todos descalços, e com seus cirios na mão.

A primeira procissão fez-se em 5 de agosto. N'essa occasião o presidente da camara D. Julianes da Costa offereceu á Senhora uma corôa de prata doirada, e duzentos cruzados em oiro, para as obras da igreja. Todos os mais que concorreram fizeram tambem suas offertas, e el-rei Filippe approvou o voto, e deu licença para que os seis mil cruzados que na capella se haviam despender se tirassem por imposição do vinho e da carne. A procissão continuou desde então n'aquelle dia, concorrendo a ella as comunidades de S. Francisco, de Jesus, de Nossa Senhora da Graça, quando existiam.

Antonio Simões por conselhos que lhe deram da conveniencia de se entregar a ermida a alguma religião para haver quem administrasse os sacramentos aos devotos que ali concorriam, se foi a ajustar com os frades dominicanos; porém não se concordando, a offereceu no anno de 1601 aos religiosos de Santo Agostinho, que a acceitaram, deixando a Antonio Simões, durante sua vida, a administração d'ella; mas no anno de 1603, por novo contrato os religiosos assumiram tambem a administração, e impetraram do papa Clemente VIII que nos reinos e senhores de Portugal se não podesse edificar outra alguma igreja com o titulo de Senhora da Penha de França.

Nova igreja levantaram os frades, e no anno de 1625 foi transferida a Senhora da ermida velha.

Continuou desde então a devoção d'esta imagem, por cuja intercessão Deus operava muitos milagres, como o attestam os retabulos e quadros que adornam a sacristia.

O edificio, que hoje é propriedade particular, era simples, mas elegante, com boa pedraria. Uma das coisas notaveis que ali havia, é a sua magnifica cisterna. A igreja está a cargo da irmandade de S. João Baptista, que tendo-a ultimamente restaurado, ali continua o culto, que por muitos annos esteve interrompido. A festa de S. João Baptista era uma das mais sollemnes que se faziam n'esta igreja, no tempo dos eremitas de Santo Agostinho, e a romaria das *Palmellas* uma das mais celebres de Lisboa.

Junto ao edificio, do lado do occidente, ha um posto telegraphico que se correspondia com o Castello e Pinheiro.

BAIXOS-RELEVOS.

Este termo veiu do italiano « Basso rilievo. » Significa uma escultura meia levantada sobre um fundo do qual unicamente destaca metade.

Em todos os povos da antiguidade que se applicaram á escultura acham-se baixos relevos.

Os egypcios eram prodigos d'elles nos seus monumentos, porque os empregavam como uma linguagem propria a eternisar os grandes factos historicos, as maximas religiosas e politicas, e até mesmo certos axiomas physicos e astronomicos. Era a sua escriptura. Tinham por isso muita attenção na sua conservação, e empregavam nos seus baixos relevos as materias mais duras, como o granito e o basalto. O relevo era formado dentro da encrustação, de modo que a escultura não era saliente, enchia unicamente a profundidade que se escavara na pedra onde os entalhavam.

Os indios, os persas, os etruscos, e muitos outros povos empregaram tambem esta especie de baixos relevos, ou encrustações, como signaes sagrados, ou linguagem mysteriosa. Encontravam-se os seus templos decorados com toda a casta de symbolos expressos n'estas esculturas.

Pelo que respeita aos gregos, parece que se serviram d'esta arte mais especialmente na representação dos factos mythologicos e heroicos, porque o maior numero das suas figuras em baixo relevo, assim como as suas pinturas nos vasos, representam personagens da sua historia e religião.

Os romanos, que se apossaram das riquezas d'esta brilhante nação, e até do seu gosto pelas artes, imitaram-lhe o exemplo, representando pela mesma forma os factos

mythologicos, heroicos, e historicos; e como foram ao mesmo tempo uma nação orgulhosa ajuntaram a sua propria historia á da antiguidade, e multiplicaram, portanto, os baixos relevos até ao infinito. Foi nos tumulos principalmente que elles mais empregaram a arte, e não se encontra hoje sarcophago d'aquelle povo, que não esteja ornado de esculturas em relevo.

Se porém compararmos o merecimento attico com o dos romanos e outros povos, não podemos deixar de preferir os gregos, que n'esta, como em todas as outras artes levaram a palma. Sua belleza, simplicidade de estylo com um certo cunho de energia hão de honrar sempre o genio da Grecia.

A.

Repetimos a seguinte poesia, em consequencia de ter saído com algumas inexactidões da primeira vez que a publicámos.

AO QUADRO ORIGINAL

SÓ DEUS!

APRESENTADO NA ACTUAL EXPOSIÇÃO

DA

ACADEMIA DAS BELLAS-ARTES

PELO SENHOR

FRANCISCO AUGUSTO METRASS

Professor de Pintura-Historica na mesma Academia.

COMO TRIBUTO DE VENERAÇÃO PELO MERITO ARTISTICO

AO SENHOR METRASS

Offerece

O AUTHOR.

SÓ DEUS!

... — y llaman la pintura
Muda poesia que exceder porfia
Lo que la viva voz mostrar procura.
LOPE DE VEGA.

... — E a quem algáras
O gemente clamor? — Ao mar, que as ondas
Não altera por tí? — Ao ar, que some
Pela sua amplidão as queixas tuas?
Aos rochedos alpestres, que não sentem
Nem sentir podem teu gemido inutil?
A. HERCULANO.

Sombrio, cerrado,
Distende no ceo,
Tormenta medonha,
Fatidico veo!

Romperam-se as nuvens,
Alaga-se o chão;
Sinistro lampejo
Precede o trovão!

E o sol que nascia
Occulto ficou,
Cingido de trevas
Seu gyfo marcou.

— Fagueiras esp'ranças
Assim mortas são,
No mundo de enganos,
De triste illusão!...

Elevam-se as aguas,
Os campos são mar;
E os eccos da serra
Vão longe quebrar.

—
Cortantes balidos
Se fazem ouvir,
Do armento que á morte
Auceia fugir!

—
E o vento sibila
Em rijo tufão,
Vae tudo prostrando
Revolto no chão!

—
De susto latindo
O pobre lebreu,
Ao cimo dos montes
Veloz ascendeu.

—
Estalam pinheiros,
O roble quebrou;
O cedro, com elles,
Nas aguas rojou!

—
— Que não ha na terra
Bastante valor,
Que altivo resista
Á voz do Senhor!

—
Da serra, na beira,
Alegre casal,
Deixou em ruinas
Torrente fatal!

—
Confusos se escutam
Mugidos e ais;
E as chuvas, em jorros,
Caindo, vem mais!

—
Ao largo, soberbas,
As ondas do mar,
As rochas, bramindo,
Parecem tragar!

—
E as nuvens escuras,
Correndo veloz!
E o rio alastrado,
Sem margens, sem foz!

—
Nas aguas que fremem
Horriavel fragor,
A encosta desaba!...
É tudo pavor!

—
Ai! pobres d'aquelles
Que o ceo fulminou,
Co'a rija tormenta
Que ao longe eccou!

—
E o sino da aldêa
Lá se ouve a tanger:
São rezas, são preces
P'ra Deus lhes valer!

—
Confusos se escutam
Mugidos e ais;
E as chuvas, em jorros,
Caindo, vem mais!...

—
Quem pode na terra em doce remanso,
Constante ventura seguro contar?
Fagueiro porvir, esperança mimosa,
Nos dias futuros, quem pode visar?

—
Se o mundo, tecido de enganos e dôres,
Seus falsos prazeres nos deixa fruir,
Instantes felizes, ligeiros passando,
Trocados em penas nos vem opprimir!

—
E triste d'aquelle, que em lance terrivel,
Nas lides da terra, esperança mal tem,
Se mortas as crenças no peito anciado,
Do ceo não aguarda socorro tambem!

—
No quadro que vemos, as artes honrando,
Em toda a verdade de um trance de horror,
Em scena tocante, pintada, mas viva,
Assim nol-o diz inspirado pintor!

—
A pobre que ha pouco logrando venturas,
Alegre sonhava prazeres sem par,
Consorte extremoso, filhinho que amava,
Prendiam-lhe a mente nos gosos do lar.

—
As auras suaves do prado viçoso,
Que finos aromas vão longe espargir,
Mimosas lhe davam fragrantos perfumes,
Nos dias serenos de meigo sorrir.

—
E como a bonina formosa se ostenta,
Brilhante de aljofres, no campo gentil,
Donosa brincando co'a hera virente,
Que o caule reveste do roble senil;

—
Ou como a barquinha, que as aguas cortando,
Ligeira desliza veloz a singlar,
Em noite de estrelas, o rumo seguindo.
Que certo lhe mostra saudoso luar;

—
Contava delicias, sorrindo-lhe a vida,
Que sempre julgava ditosa fruir;
Em ledo remanso, liberta de penas
Olhava tranquilla o incerto porvir! . . .

—
Mas cil-a de chofre surpresa, mesquinha,
Treme, aterrada por feio escarceo!
Involta nas aguas dos cerros baixadas,
Caidas nos cerros, das nuvens do ceo!

—
E d'entre os rumores sinistros da cheia,
Ao longe se escutam mugidos e ais!
D'um ceo tenebroso, que as almas opprime,
As chuvas em jorros, caindo vem mais! . . .

—
De caules, raizes, ruinas cercada,
Em passos incertos vae triste a lutar;
O filho nos braços, que aperta anciosa,
Apoio buscando, procura amparar!

—
E d'entre os rumores sinistros da cheia,
Ao longe se escutam mugidos e ais!
D'um ceo tenebroso, que as almas opprime,
As chuvas em jorros, caindo, vem mais! . . .

—
Destroços, penedos nas aguas rojando
A levam, mau grado, á morte a correr! . . .
Por si, pelo filho, bradando soccorro,
Ancia salvar-se, quer inda viver!

—
E d'entre os rumores sinistros da cheia,
Ao longe se escutam mugidos e ais!
D'um ceo tenebroso, que as almas opprime,
As chuvas em jorros, caindo, vem mais! . . .

—
O tenro innocente, transido de susto,
As humidas tranças da mãe se apegou;
Seguro por ella com braço de ferro,
No collo da triste refugio buscou.

—
E d'entre os rumores sinistros da cheia,
Ao longe se escutam mugidos e ais!
D'um ceo tenebroso, que as almas opprime,
As chuvas em jorros, caindo, vem mais! . . .

—
Assim desditosa, na terra mal conta,
Luzir-lhe, visar esperança sequer! . . .
Fallecem-lhe as forças, ai d'ella! . . . não pode. . .
É quasi cadaver a pobre mulher!

—
E d'entre os rumores sinistros da cheia,
Ao longe se escutam mugidos e ais!
D'um ceo tenebroso, que as almas opprime,
As chuvas em jorros, caindo, vem mais! . . .

—
Extremo recurso, n'um tronco já secco,
Que ás aguas resiste, só pode encontrar,
Seguro por ella com mão esforçada. . .
O fragil apoio vae prestes quebrar! . . .

—
E d'entre os rumores sinistros da cheia,
Ao longe se escutam mugidos e ais!
D'um ceo tenebroso, que as almas opprime,
As chuvas em jorros, caindo, vem mais! . . .

—
Quem pode valer-lhe, quem pode salva-a?
No trance afflictivo. . . tão longe dos seus? . . .
Perdida, desmaia. . . succumbe. . . já morre. . .
Em tanto abandono quem pode? . . . SÓ DEUS!

23 de Outubro, de 1856.

CLAUDIO DE CHÁBY.

MOSAICOS.

—
A reunião de pedrinhas mui pequeninas, seixos, pedaços de marmores de varias côres, artisticamente entalhadas, de modo que representam objectos com suas côres proprias como na pintura, é que se dá o nome de mosaico. Quando ha falta de pedras naturaes da cor que se precisa, ou levam muito tempo a afeição-se para a obra que se deseja, recorre-se então a varios betumes, até mesmo a uma composição de vidro e esmalte. Um dos insignes canteiros que temos em Lisboa, o sr. Loureiro, cuja officina se acha estabelecida na antiga rua do *Trombela*, da parte norte do palacio do duque de Palmella ao Calhariz, tem feito estudo sobre estes trabalhos, e nos mostrou objectos que provam da sua parte habilidade e gosto.

—
Ainda que este genero de trabalho pede a sciencia do pintor, é facil de presumir que a sua execução depende mais da paciência que da arte. Antes de metter mãos á obra precisa o artista ter bons desenhos do tamanho exacto do trabalho que emprehende, como o pintor prepara

primeiro os seus cartões para as pinturas a fresco, e além d'aquelles desenhos, que lhe servem de moldes, deve ter tambem um exemplar da obra que vae executar, em ponto grande, ou pequeno, para se regular por elle na distribuição do colorido. Dividem-se depois em caixinhas as pedrinhas que tem de servir, segundo as suas côres, e cambiantes d'ellas. Não é necessario que estas pedrinhas tenham todas a mesma configuração, basta que se ajustem exactamente umas ás outras sem deixarem entre si a mais pequena fenda ou intervallo, e que uma das suas faces seja lisa, para que a superficie não apresente saliencias.

—
Que povo inventou o mosaico? Aqui está uma pergunta a que não pode satisfazer quem sinceramente trata a questão, e quer deixar de lado esse milhar de fabulas contradictorias que envolvem o nascimento até do mais insignificante ramo da arte. Se dermos credito a Plinio, os gregos foram os primeiros que o usaram. Não nos importe, pois, saber se o inventaram, basta conhecer que o usaram. Este autor menciona uma obra famosa n'este genero — era uma miscellanea de migalhas que sobejam de uma mesa onde se comeu. Estava tão natural a obra, continua o escriptor, que ao entrar na sala cujo pavimento era a referida miscellanea, a vista se illudia julgando-se que a sala não fôra varrida depois do jantar.

—
Esta especie de pintura, a que os latinos chamavam *opus musivum*, não passou no seu começo de reunião de pedrinhas quadradas de diferentes côres para formar uma certa variedade, e alguns ornatos; mas pelo andar dos tempos lembraram-se os pintores de representar pelo mosaico figuras humanas, animaes, e flores, até mesmo factos historicos, e assim este genero de trabalho subiu a formar uma arte.

—
A idade media, e a epoca que se chama da renascença deixaram-nos excellentes trabalhos n'este genero. Em Sienna admira-se no pavimento da sua cathedral, um pedaço de mosaico representando o sacrificio de Abrahão. Compõe-se de tres especies de marmores; um muito alvo, outro pardo, e outro preto. O primeiro serve para as figuras principaes onde a luz deve ser mais forte; o segundo para as meias tintas, e o terceiro para as sombras.

—
Na Europa, na Asia, e mesmo na America ha egrejas com mosaicos no seu pavimento; porém o mais celebre de que temos noticia é o da igreja de S. Remi, em Reims. Está no côro d'esta igreja. Contém uma infinidade de figuras, que parecem traçadas a pincel. O maior pedaço de que este mosaico se compõe não excede a largura de uma unha, excepto umas pedras pretas, brancas, encarnadas, e de côres ondeadas que encaixilham os quadros, separando os objectos historicos onde as figuras estão representadas. Vê-se n'estes quadros David tocando harpa; um S. Jeronymo, tendo em redor as figuras e os nomes dos prophetas; os quatro rios do parraizo terrestre, designados pelas palavras — *Tigris, Euphrates, Geon, Fison*; as artes liberaes; os doze mezes do anno; as quatro estações; os signos do zodiaco; Moysés sentado n'uma cadeira, e sustentando um anjo sobre os joelhos; as quatro virtudes cardeaes; os quatro pontos cardeaes do mundo; e finalmente uma immensidade de figuras que todas parecem saltar de um fundo de côr amarella.

—
Aqui em Lisboa, tinhamos nas capellas do extincto collegio de Santo Antão excellentes trabalhos n'este genero, cujas reliquias ainda se podem ver no que existe da arruinada igreja no hospital de S. José; porém o que a tudo leva a palma é a capella de S. João Baptista na igreja de S. Roque que pertence á Misericórdia. Tambem o sr. duque de Palmella possui apurimos objectos de arte n'este genero, e não ha ainda muitos annos que n'uma exposição que teve logar no seu palacio do largo do Calhariz, ahí com a perfeição da obra admirámos a paciência do artista. Tambem o sr. marquez de Vallada possui algumas coisas boas n'este genero.

A.

ESTATISTICA DA EMBRIAGUEZ.

—
Todos os dias a parte de policia que vem transcripta nos diferentes jornaes, abunda em noticias de individuos levados para as casas de guarda por estarem caidos na rua em completo estado de embriaguez; as facadas e assassinatos perpetrados nas tabernas são muito frequentes.

—
No sabbado o operario vae consumir em vinho grande parte da feria que devia servir para o sustentar, e á mulher e filhos; primeiro bebe só, mas quando começa a aquecer, quer ver beber; paga a amigo e a inimigo, a conhecido e a desconhecido, e quantas vezes não vae acabar na ponta da faca d'aquelle que alguns momentos antes lhe tocava no copo.

—
A embriaguez é um grande mal; para grandes males grandes remedios; é necessario que a sociedade trate de obstar á sua generalisação, e ella o pode fazer por muitos modos mais ou menos proficuos.

—
Muitos meios directos e indirectos tem sido empregados para attenuar este mal. A embriaguez figura em larga escala em todos os paizes, e sobretudo nos mais civilizados. É á estatística que recorreremos para apresentar alguns dados curiosos.

—
Todos os liquidos alcoolicos tomados em demasia podem produzir a embriaguez: na França, Hespanha e Portugal, são o vinho e a aguardente os liquidos que geral-

mente a produzem; na Inglaterra e na Allemanha, são a cerveja e as aguardentes; na Russia, Suecia e Estados-Unidos, são as bebidas distilladas, sobretudo a aguardente dos cereaes. Parece que em Stockholm um operario dos mais sobrios o menos que bebe quotidianamente é meio litro de aguardente de batatas.

—
Em 1828 calculava-se em trezentos mil o numero dos bebedores de profissão existente nos Estados-Unidos, e em trinta e sete mil o numero dos que morriam annualmente victimas dos excessos de bebidas alcoolicas.

—
Uma estatística muito curiosa de Everest, comprehendendo dez annos dá os seguintes resultados.

—
Que nos Estados-Unidos a embriaguez em dez annos matou trezentos mil individuos; fez entrar nas prisões e penitenciarias cento e cincoenta mil pessoas; enviou ás casas d'asylo d'infancia cem mil creanças; fez mil doidos; foi causa de mil e quinhentos homicidios e de dois mil suicidios. Levou á viuvez duzentas mil mulheres e á orphandade cem mil individuos. Causou a perda de dez milhões de dollars (proximamente dezoito milhões de crusados) por violencia ou incendio. Finalmente a nação despendeu, por causa da embriaguez seiscentos milhões de dollars, (proximamente mil milhões de crusados!) com os orphãos, viuvas, presos, hospitaes, asylos, processos, etc. etc.

—
Vejam se sem estatística se podiam chegar a conhecer taes resultados, que assombram, mas de cuja exactidão não se pode duvidar, porque foram achados á vista dos documentos officiaes.

—
Na Inglaterra morrem annualmente em consequencia de desordens por embriaguez, suicidios etc., quarenta e sete mil individuos. As tres quartas partes dos criminosos acham-se entre os individuos dados a excessos de bebidas alcoolicas.

—
Desde as epocas mais remotas que os legisladores de todas as nações tem procurado reprimir a embriaguez; as leis Draconianas e de Solon castigavam com a morte a autoridade que se apresentasse embriagada em publico. Mahomet proscreeu o uso do vinho. Em epocas mais proximas, em 1536, Francisco I mandava prender a pão e agua pela primeira vez e fustigar pela segunda, quem se apresentasse embriagado, e os crimes commettidos durante a embriaguez eram punidos como se o individuo não estivesse n'esse estado, porque era duplamente criminoso.

—
Em 1818 no Wurtemberg publicou-se um codigo militar onde se diz que a embriaguez é castigada com prisão a pão e agua, com reclusão até um anno, se fôr habitual, com a reforma se o individuo fôr official e incorrigivel.

—
Na Suecia ainda ha mais rigor; o individuo é multado, perde o direito de eleger e ser elegivel, é admoestado publicamente na igreja e pode ser preso até um anno.

—
As leis repressivas não existem em França, nem em Portugal, nem n'outras nações; todavia são ellas que podem concorrer eficazmente para acabar com um mal que traz terriveis consequencias para os sujeitos e peiores para a sociedade. Os vendedores podiam ser castigados quando vendessem liquidos alcoolicos aos individuos que começam a estar embriagados.

—
Outros meios que tem sido empregados e d'onde se tem tirado resultados notaveis, são os meios preventivos, é a instrucção das classes operarias, proporcionando-lhes prazeres que desconheciam, fazendo-lhes ver deveres a que não attendiam.

—
As sociedades de temperança fundadas na Inglaterra, na America e na Allemanha, tem correspondido muito ao seu fim, mas menos do que se podia esperar, tem sido especialmente na Irlanda onde um padre modelo de caridade e de religião, conhecido hoje em todo o mundo illustrado, o reverendo padre Mathiew levantou a voz contra os excessos de bebidas alcoolicas, e obteve conversões em tal numero, que excedeu muito suas esperanças. Os nossos sacerdotes podiam nos domingos e dias santos fazer pequenas praticas ás suas ovelhas, com a linguagem que deve ter um bom pastor, e estamos certos que muito se podia conseguir.

S.

APHORISMOS.

—
A nossa memoria é mais propensa a conservar a lembrança das dividas activas, do que das passivas: dos favores feitos, que dos recebidos: o dever, e a gratidão, ordenam o contrario.

—
A philosophia vê com olhos de indignação e horror, não o guerreiro, que entre mil perigos defende a patria; mas o erro das nações, que buscam a justiça na sorte das armas.

—
Se os factos, que nós mesmos presenciemos, um dia, uma hora depois, são referidos com mil variantes, e intrusos episodios; como não serão alterados aquelles, que a historia nos transmite atravez dos seculos!

—
A historia do mundo é a recopilação das loucuras dos homens.

MORAES DE CARVALHO.

HAVRE DE GRACE.

Esta cidade situada na foz do Sena, onde tem seu porto mui frequentado de embarcações nacionaes e estrangeiras, é uma das mais commerciantes da França em razão da proximidade relativa da capital e da facilidade de communição com muitos e importantes departamentos; as principaes carregações que ali se fazem tem destino para as colonias francezas da America e para a costa da Guiné; e além d'isso o seu movimento naval abrange notavel importação e exportação, até para as Indias orientaes.

Além da via fluvial tem outra de caminho de ferro directamente a Paris. Carreiras regulares de barcos a vapor, além das amiudadas viagens dos navios de vela, se dirigem para Londres, Brighton, e Southampton na visinhação ingleza, e para Amsterdam na Hollanda, do mesmo modo que para a peninsula hispanica; porquanto tanto vão a Cadiz, como visitam successivamente o nosso Tejo; sulcando a extensão dos mares aportam igualmente á America hespanhola, aos Estados-Unidos, e ao imperio do Brazil.

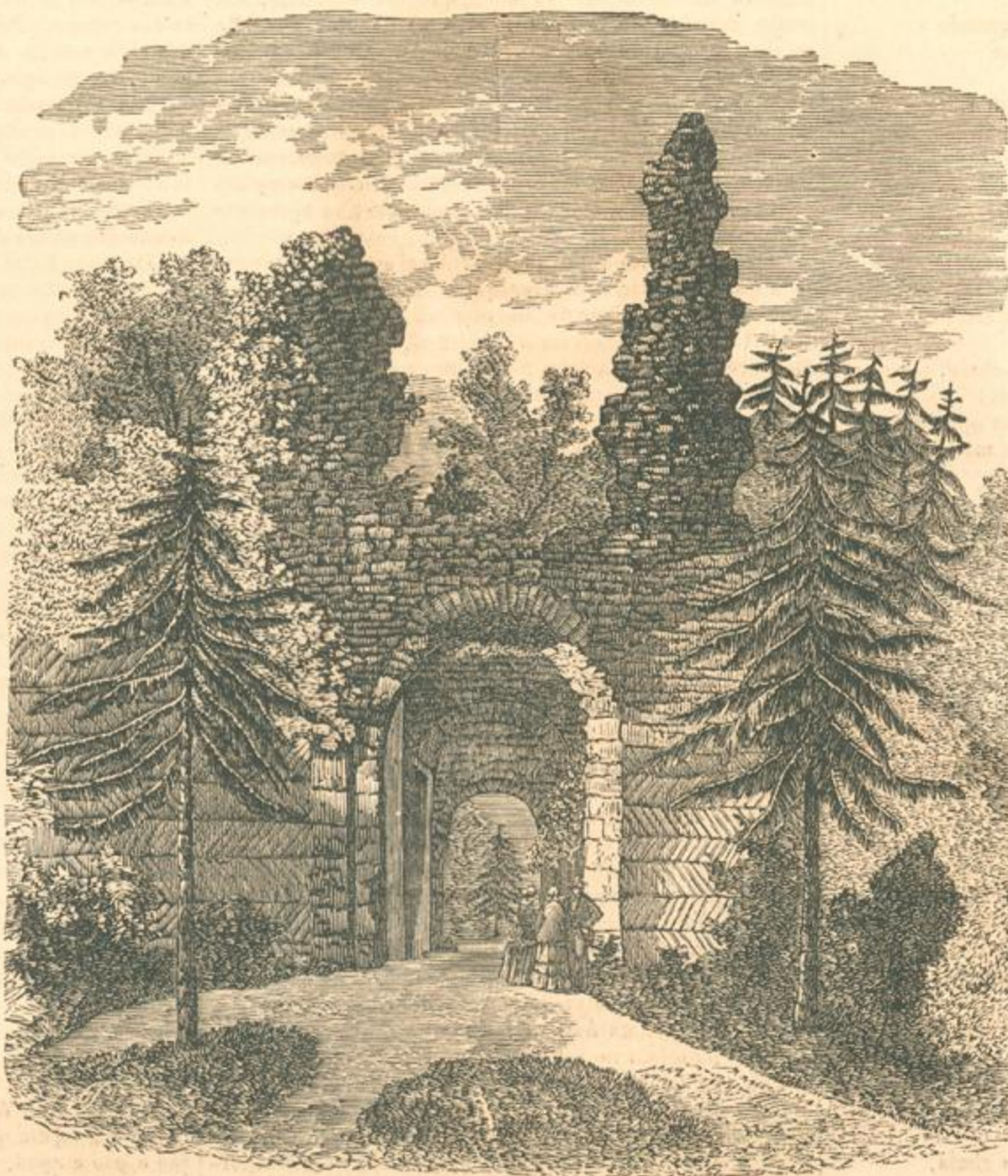
A pesca da baleia é um de seus traficos de mór vulto, occupando perto de mil e quinhentos marinheiros. Em summa o commercio maritimo do Havre de Grace figura pela quinta parte do commercio geral da França, e o porto tem capacidade para quatrocentos navios.

Esta cidade de origem nos tempos modernos deveu seus primeiros fundamentos a Luiz XII em 1509; mas, Francisco I lhe deu impulso e mandou fortificar, querendo impor-lhe o seu nome e denominar-a, á imitação de muitas byzantinas, Franciscopolis; comtudo foi suplantado em pouco tempo pela invocação de uma capella erecta n'aquellas proximidades, dedicada a Nossa Senhora da Graça. Havre que deriva do vocabulo germanico *haven* significa porto de mar. Ainda no seculo xv apenas existiam duas torres de atalaia e defesa contra as incursões dos inglezes na sede que hoje occupa esta praça florescente.

M.

Quando o magistrado quer ser deputado, a balança da justiça começa a oscillar.

Os mausoleos são prova da nossa vaidade, e o desenho d'ella.



O castello de Ganne.

O CASTELLO DE GANNE, EM SAINT-CLAIR LA POMMERAYE, JUNTO Á PONTE D'OUILLY, (DISTRICTO DE FALAISE).

O nosso desenho representa as ruinas do castello de Ganne, tyranno feudal, cuja tradição popular ainda hoje conta as aventuras e empresas.

A velha fortaleza feudal, assente no cume de uma colina, parece agora mesmo n'estes restos mutilados desafiar as iras do resentimento popular. Diz a lenda que muitas vezes ao nascer do dia, quando apenas o crepusculo aclarava debilmente o horizonte, se via abaixar a sua ponte levadiça, e aquella caverna vomitar ferozes cavalleiros, que commandados pelo terrivel Ganne, se lançavam pelas campinas, espalhando a morte, a violação, raptando

as donzellas, assolando as choupanas, roubando os rebanhos, saqueando as egrejas e os conventos, e até mesmo surpreendendo os visinhos castellos com atrevidas empresas.

Os continuados crimes e depredações do nobre bandido assustaram por tal forma os senhores do paiz, que formaram contra elle uma cruzada. O seu covil foi sitiado, e ao cabo de longo assedio, levado á escala viva, a guarnição passada á espada, e o castello enforcado n'uma das suas ameias para exemplo futuro.

Na epoca das guerras de religião muitas vezes serviu este castello de refugio aos partidistas de Montgomery. Tomado e retomado pelos dois partidos, ficou completamente desmantellado.

Hoje é uma ruina pittoresca, e o principal ornamento d'um pequeno parque inglez.

Quando a tormenta agita no inverno a coma das arvores despojadas de suas folhas, e as rajadas de um vento impetuoso descendo pela chaminé da choupana dos pobres aldeões da Pommeraye, lhes faz estremecer as portas interiores, obrigando-as a gemer lugubrememente, ao mesmo passo que lá fora a chuva cae em torrentes, e as aves nocturnas juntam ao mugir dos ventos sua agourenta voz, a familia campestre reunida em torno da avó, ouve aterrada contar a maravilhosa historia do terrivel Ganne, para no fim recitar em voz alta uma oração implorando ao Todo Poderoso que não envie á terra outro igual flagello da humanidade.

A.

MYTHOLOGIA.

MENOUS OU MANOUS.

Genios da mythologia brahmanica. São em numero de quatorze, e parecem emanações d'um Menou superior, cujo nome figura na frente de um livro celebre e de remota antiguidade — o Manava-Dharma-Sastra, ou *Codigo das leis de Menou*, do qual ha uma traducção feita por mr. Loiseleur des Longschamps.

Note-se a relação nominal e fundamental de Menou com o Minos cretense, o Menés egypcio, o Numa romano, o Mann allemão, etc., que todos são nomes ficticios sob os quaes se gruparam ou recapitularam os progressos da primitiva civilização. Até mesmo se pode crer que estes homonymos indicam o homem, o homem por excellencia, o homem em relação com a civilização.

Em pintura, e poesia, não se admitte mediania.



Havre de Grace.



James Buchanan, presidente da republica dos Estados-Unidos.



Entrada dos duques de Brabante em Spa.

